



MOITA MACEDO

Agora venho
de outras partes

Antes da vida fui morte
Depois da morte fui vida
Cartão a marcar encontro
Sempre em ponto de partida
Recusa assente ao voltar
A estrada já percorrida
Igual na forma de estar
Lança igual à despedida
Pintei versos
Escrevi quadros
Movido pela ilusão
De ser pertença da terra
Ventre, presente e razão
de ser morte e de ser vida
No meu silêncio agitado
Do momento de ser hoje
Sem futuro e sem passado

Antonio Franco

Pintor y poeta

De la palabra a la imagen, de la imagen a la palabra. Pintor y poeta. Poeta como artista. Moita Macedo transitó como creador por ese imaginario sin confines en el que se iluminan los signos y hablan de la misma experiencia las señales pintadas o las voces escritas. Su costumbre y su ejercicio, escribir y pintar al mismo tiempo, le sirvieron para dejar un sensible testimonio de su vida, de su duración, de su momento.

El mismo lo dejó dicho: *escrevi cuadros... pinteí versos*. Y esa circunstancia, que tuvo y tiene una larga tradición en la cultura moderna, le distingue generacionalmente dentro del grupo de artistas que abrieron un amplio frente al abstraccionismo en la pintura portuguesa de mediados del pasado siglo.

Tuvo como referentes, entre otros, a Almada Negreiros y a Arturo Bual y participó del momento que en Portugal hicieron suyo, en la opinión e José Augusto França, artistas como Vespiera, Fernando Azevedo, Joaquim Rodrigo, Menez, Fernando Lanhas, D'Assumpção, Joao Vieira, o Nadir Afonso, cuando el discurso dominante se pintaba (y se escribía), a la sombra del expresionismo abstracto y la pintura informalista.

Vivió años difíciles y fue un comprometido testigo de su época. En el gesto impaciente y excitado que describe una buena parte de su obra (pintada, o escrita), queda el registro de esa emoción personal de la que se impregnan y abstraen sus afectos más fuertes, su relación con los otros, sus inquietudes políticas.

Que su esfuerzo se sumara a la brecha abierta en el país por los nuevos abstractos, no quiere decir que su arte, como el de otros muchos de sus compañeros de tendencia, no fuera un arte *ideologizado*, hecho en aquellos años emblema de la libertad y adversario de la dictadura.

Fue en aquel espacio de voluntad y entereza en el que Moita Macedo pintó y escribió, apropiándose por igual y a su manera del activo caudal de esos lenguajes. Y es de aquel tiempo, el que vivió, del que nos hablan sus afanes y trabajos. Pero no únicamente... El cuadro y el verso conservan su aliento. Los ideales son intemporales y el artista no vive sólo dentro de su época. *Agora venho de outras partes* podría recordarnos.

Mário Avelar

**Moita Macedo.
Pintei versos,
escrevi quadros**

O meu texto está dividido em dois momentos distintos. Num primeiro instante debruçar-me-ei sobre uma questão teórica, a da relação entre palavra e imagem, sobre a qual tenho consagrado uma parte relevante da minha investigação ao longo de trinta anos. Num segundo instante prestarei um breve tributo.

O facto de Moita Macedo ser também um artífice da palavra, suscita naturais interrogações face ao eventual diálogo entre essas suas vertentes criativas. Deve-se, aliás, ao próprio artista a enunciação desse diálogo radical: “Pintei versos, escrevi quadros.” Nesta frase reconhecem-se os ecos clássicos do grego Simónides de Ceos - “A pintura é poesia silenciosa, a poesia é pintura que fala”, e do romano Horácio quando, séculos mais tarde, proclamaria na sua *Arte Poética*: “Ut pictura poesis” - tal como a pintura, também a poesia.

Seria necessário esperar por *Laocoön*, o ensaio setecentista de Lessing, para que as duas tradições artísticas - as que surgem ancoradas na palavra e as que se afirmam pela imagem, conhecessem a famosa distinção: artes do tempo e artes do espaço.

Coloca-se, deste modo, uma questão: ao superar a dicotomia lessinguiana, como sugere a declaração “Pintei versos, escrevi quadros”, Moita Macedo estará a exprimir uma afinidade radical entre as duas expressões artísticas por ele praticadas? Gostaria, assim, de vos propor uma brevíssima reflexão em torno deste tópico.

Ao lermos os poemas de Moita Macedo emerge na nossa memória uma tradição poética que será facilmente identificável por parte daqueles que viveram ou conheceram os círculos intelectuais de resistência ao regime, em particular, na década de sessenta do século passado.

São inúmeros os poetas que, de imediato, recordo; nomes hoje praticamente esquecidos como Vicente Campinas, Mário Gonçalves, Francisco Viana, Bação Leal, ou mesmo Daniel Filipe, ou não esquecidos, como Manuel Alegre e, numa geração mais recente, José Jorge Letria. Nomes habitualmente associados a um neo-realismo tardio e que, por isso mesmo, pela sua filiação política, não raro são confinados ao marxismo.

No entanto, mesmo quando trazemos à mente nomes da geração anterior, como Sidónio Muralha, aquilo que me parece ser mais evidente é a dimensão confessional; a afirmação de uma sensibilidade face ao mundo que, por muito que pudesse custar a esse marxismo, e a eles próprios, está mais próximo de um certo *pathos* existencialista que, na nossa sensibilidade colectiva marcada pela saudade, declara a melancolia do indivíduo face a uma realidade constringedora.

Talvez estes poetas estejam, afinal, mais próximos do Santo Agostinho, das *Confissões*, ou de Rousseau, também o das *Confissões*, do que de Marx. Por isso mesmo, creio que a designação que melhor os identifica será a de confessionalistas.

Curiosamente, foi nos Estados Unidos que a tradição poética confessional se celebrou na década de 1950, não por acaso em Boston, nessa cidade onde a memória puritana ainda persistia, sob a égide da psicanálise freudiana. Sylvia Plath será porventura o nome mais conhecido, entre nós, dessa sensibilidade literária. Para ela, como para poetas como Robert Lowell, Freud desvendou o indivíduo como espaço de existência dramática.

Já para os poetas portugueses antes referidos, a dimensão dramática decorre, como assinala, das circunstâncias sócio-políticas envolventes. Daí que a dimensão confessional se exhiba como melancólico testemunho do poeta.

É deste modo que ela se exhibe naquele que, para mim, é a voz mais forte dessa tradição, Daniel Filipe; curiosamente, aquele a quem Moita Macedo dedica “Quando morre um poeta”.

Este poema de Moita Macedo denuncia uma óbvia afinidade face a Daniel Filipe; uma afinidade estética, política e, reitero, existencial, firmada numa partilha radical, em termos etimológicos, do quotidiano. No entanto, o reconhecimento dessa afinidade não nos deve constrear em termos de leitura.

Embora o testemunho seja evidente nos poemas de Moita Macedo, essa exibição de um rosto, de uma sensibilidade, que o testemunho pressupõe, não funciona como derradeiro limite do texto. Não estou a denegar a existência dessa vertente, central em versos seus como os intitulados “Desejo ao poema”:

Queria

*Que os meus poemas fossem pedras
Que à noite,
Tradição arremessasse!*

Queria

*Que cada pedra fosse uma canção
Que o povo cantasse!*

Essa vertente é, de facto, recorrente. Mas outra, eventualmente mais indirecta e reflexiva, deve ser lembrada. Veja-se o poema significativamente intitulado “Colagens”. Nele é a estética visual ancorada na palavra, aquilo a que a tradição efrástica grega designava *enargeia*, isto é, a vivacidade de representação do objecto através da palavra, que pontifica:

N'elas

Recortados, colados, estendidos

Esfaimados e adormecidos

Estão arautos despertados

De ânsia de ideal, de ânsia dos

sentidos

N'elas

Estão pedaços-de-Paula

Lançados sobre as telas.

Nestes dois exemplos define-se um rosto: o do cidadão/poeta e o da artista.

Curiosamente, quando transitamos para a obra pictórica de Moita Macedo, a evidência do rosto dilui-se. Fernando António Baptista Pereira, com a argúcia analítica que fez dele uma das vozes mais penetrantes sobre a arte em Portugal, abordou esta relação entre a palavra e a imagem em Moita Macedo. Contudo, importa continuar este trabalho de reflexão. Fá-lo-ei abrindo um caminho, o do aprofundamento da análise daquela que considero ser a seminal relação entre autobiografia estética e representação.

Ainda antes de prosseguir importa acentuar que, em tempos que recusam a sistematização, Baptista Pereira teve a coragem de avançar com uma abordagem sistemática e tópica da obra do artista. Por seu turno, Vítor Serrão, figura cimeira da História de Arte entre nós, assinalou, com o brilhantismo que lhe é habitual, quais os seus tópicos nucleares.

Numa obra que oscila entre a abstracção e a representação, e em que as fronteiras entre ambas se diluem, Baptista Pereira identifica tópicos como “Os outros Eus”, “as Tauromaquias”, “os Quixotes”, “Cristos e Calvários”, “Caravelas”, “Cidades”. É neles que o sujeito, que um rosto, uma identidade, se projectam.



Fig. 1

O rosto que se explicita na palavra, parece denegar aqui a sua presença. Um dos momentos em que essa denegação será mais evidente, é, na minha opinião, um quadro de 1976, intitulado *Um quasi auto-retrato* (Fig. 1).

Uma das vertentes que mais me toca na obra de Moita Macedo é aquela em que predomina a ausência de um referente - chamemos-lhe abstracta; aquela em que a pintura, claramente devedora do Modernismo, é apenas isso, pintura. Escreve a propósito o crítico de arte norte-americano, Clement Greenberg: “Onde os Velhos Mestres criaram uma ilusão do espaço que nos podemos imaginar a palmilhar, a ilusão criada por um modernista é a de um que nós podemos olhar, podemos percorrer apenas com o olhar. ... Com Manet e os impressionistas ... a questão deixou de ser definida como oposição entre cor e desenho, e tornou-se uma questão de pura experiência óptica ...” (Clement Greenberg, “Modernist Painting”, apud Michael Fried, *Art and Objecthood*, 20)

É, portanto, uma relação diferente entre pintura e observador, uma relação marcada pela opticalidade, que se impõe. Gostaria de abordar em Moita Macedo. Gostaria de o fazer na esteira do crítico de arte que mais me inspira, o norte-americano Michael Fried, e do seu conceito de absorção. Gostaria de meditar sobre aquela vertente não figurativa da obra de Moita Macedo, partindo da análise de Forma, enquanto estrutura pictórica, que emerge do reconhecimento dos limites do quadro. Gostaria de ver em que medida, também para ele, a forma se terá ou não tornado algo de diferente do que era na pintura convencional – um “objecto de convicção” (Fried 78). Gostaria de identificar qual a relação de continuidade entre o exterior e o interior. Ou ainda como se pode reconhecer uma sintaxe através da análise da relação entre elementos arbitrários (sem sentido)? E que tipo de experiência cognitiva se suscita? Não temei, porém, pois isso exigiria outro espaço e, porventura, outro lugar. Deixarei, portanto, essa reflexão para outra oportunidade.

Regressemos, então, a *Um quasi auto-retrato*. O auto-retrato constitui uma tradição pictórica particularmente relevante. Nela destacaria duas dimensões algo recorrentes, a da interpelação do espectador, através do olhar do retratado, e a dramática.

Com efeito, no auto-retrato é recorrente o olhar do artista convocando aquela que observa para a sua intimidade, ou antes, para a intimidade que ele deseja exhibir. Artistas como Dürer fizeram-no amiúde em vários momentos da sua vida, revelando determinadas singularidades, sem ignorar a presença do espectador. Mesmo quando narcisicamente

diluído em instantes solenes como a *Natividade*, em Boticelli, ei-lo que, exibindo-se num auto-retrato, nos interpela.

Implícita ou explícita a dimensão dramática emerge no auto-retrato. Veja-se a ironia de Judite com a cabeça de Holofernes, de Cristofano Allori, onde, sob a narrativa bíblica, desponta a autobiográfica: Allori auto-representa-se como Holofernes, enquanto a amante que o abandonara, é figurada como Judite, acompanhada por sua mãe, ou seja, pela sogra desejada.

Nenhum destes aspectos surge em *Um quasi auto-retrato*. Afinal, porque ele é *quasi*, porque não chega a ser assumido como pertencente à convenção do género auto-retrato, a representação do artista, dos seus traços, da sua expressão, dá lugar a uma massa, transformada em índice onde o corpo, apenas delineado, sugerido, num movimento algo furtivo, se insinua. Neste quadro, o testemunho é indiciado, é indirecto. Nada aqui se evidencia da estratégia confessional.

Será este, porventura, o verdadeiro auto-retrato? Aquele em que o corpo se transformou no objecto, na textura da tinta, na própria matéria que, ela sim, dá corpo, vida, ao objecto artístico. Poderá, afinal, este quadro, algo singular e excêntrico, em termos tipológicos, face ao conjunto da sua obra, ser uma espécie de arte poética sua? A figuração de uma síntese?

Referi no início que faria um breve tributo.

Uma personagem de *Avalon*, de Barry Levinson, repete ao longo do filme: “Se não recordas, esqueces”. Sem pretender entrar nos campos daquilo que os franceses designam *ego-histoire*, quero recordar aqui uma manhã de Agosto de 1971. Faço-o no espírito do testemunho que, como referia algures Tolentino Mendonça, ao integrar na nossa memória os que já partiram, dá sentido à nossa própria passagem por aqui.

Tinha, então, quinze anos e estava de férias com os meus pais na Costa da Caparica. Ao passearmos pela praia, o meu pai encontrou um amigo que era pai de um colega meu do liceu. Embora provavelmente sem muito rigor científico diziam que, com a mudança da idade, eu tinha “dado um pulo.” Tinha, por isso, a mesma altura que tenho hoje e foi assim que olhava para o meu pai e para o amigo, naquilo que em linguagem cinematográfica se refere como *plongé*. Apesar da minha altura ser superior à dos intervenientes no diálogo, assisti, num reverente silêncio, à conversa de ambos, como se esperava de um adolescente naqueles tempos.

Afinal eles tinham aquilo que, para mim, na altura, eram idades vetustas, um, 45 anos, e o outro, 40. Além disso, ambos eram artistas e homens de resistência. Anos mais tarde encontrei em *The Black Prince*, o romance de Iris Murdoch, a expressão que ilustrava o que então sentia: “Reverencio grandes artistas e homens que dizem não aos tiranos.”

Voltemos a essa manhã. Mais ao longe, o irmão mais novo do meu colega brincava junto ao toldo. É estranho como certos instantes, aparentemente banais, resistem na nossa memória. Quando eles se despediram, o meu pai disse-me: “O pai do teu colega é pintor.”

Confesso que não tenho memórias particularmente eufóricas do liceu. Esses não foram, para mim, os *Glory Days* de que fala Bruce Springsteen; ou, pegando numa imagem vicentina, uma versão do *Auto da Barca da Glória*. Também não foram propriamente uma versão do *Auto da Barca do Inferno*, uma espécie de Buffy, a caçadora de vampiros, como referiu outro músico americano, em que o liceu, pejado de vampiros, é um portal para o Inferno.

Para mim, eles foram mais algo de semelhante ao *Auto da Barca do Purgatório*, durante o qual, como no poema de Pedro da Silveira, *as horas se arrastavam como lesmas*. Não por culpa de outrem, devo dizer; nem de professores, que os tive muito bons, nem dos colegas, alguns dos quais ainda me acompanham.

A eles devo momentos, rostos, que guardo na memória com gratidão. Um desses rostos é o do colega a que o meu pai se referia: o Pedro, meu companheiro de turma no quarto ano do liceu, então ainda em Massamá. E porque o quarto ano era então fatídico para muitos de nós, de novo meu colega de turma no nosso *segundo quarto ano*. E ainda no quinto, já no liceu de Queluz, hoje Padre Alberto Neto. Juntos, ainda no sexto e no sétimo anos, fizemos uma dupla quase imbatível no ténis de mesa.

Ao escrever sobre aspectos da obra de Moita Macedo, não podia deixar de lembrar com saudade o meu amigo Pedro, e também o Zé Luís, o *dandy* que os mais jovens, como eu, tentavam emular, e a Ana, filhos do artista que hoje vivem uma plenitude que também nós esperamos um dia conhecer.

Tomás Paredes

Moita Macedo, en blanco y negro

Abstracciones y figuración, gestos y trazos, línea y volumen, niebla y sol, formas del delirio, idealismo encendido de alquitrán y nieve. Rasgos trágicos, atormentados, suplicantes; también, complacientes, gustosos, donde el surco que graba la pena ilumina la miseria y la esperanza. Pintura fieramente humana, que vuela, que sueña, que danza, que llora tal una música dodecafónica o como el deteriorado violín de Jacobo Fijman, o el piano roto de Scardanelli.

Cristos y Quijotes, santo y seña de una ambición social, de un anhelo de justicia; carabelas, manchas, luces y sombras de una existencia gastada en la lucha por las libertades, por la dignidad, por volar. Contra todo y por la vida. Siempre a favor del débil, siempre en ese mundo agobiado por la ausencia de justicia, de libertad. Pintura no ajena, estética de un pensamiento y un sufrimiento.

Siempre que se habla de Moita Macedo surge el dilema, ¿lo hacemos del poeta o del artista plástico? Todas las evocaciones, textos, ensayos que se han escrito tras su muerte, han insistido en este punto. En 2002, la Dra. Alice Tomaz Branco, publicó un volumen, *Moita Macedo*, Estar Editora, en el que dejaba bien claro sus distintas facetas expresivas. Sus *Desenhos* han sido estudiados, volumen publicado en 2005, por F. Antonio Batista Pereira, con prefacio del prof. Vitor Serrao.

Para mí, es inseparable la figura humana de la del artista y dentro de su arte, no se puede hablar por separado de poesía o de pintura. Son complementarias. La época que le tocó vivir, solo 53 años, a ambos lados del centro del pasado siglo, es tiempo de blanco y negro, así fue y así lo seguimos viendo, con un poco de color en su última década. Fue un periodo de idealismo, muy marcado por el existencialismo, por las penurias y los acosos a la entidad del hombre.

La sensibilidad no es un accidente, algo que se pueda esconder o emerger cuando convenga. Algo que se utiliza para unas cosas sí y otras no. La sensibilidad se tiene o se carece de ella. Y si se tiene, se muestra, de forma involuntaria, ineludible; actúa como un resorte incontestable, impredecible. Uno de los rasgos más acusados de Moita Macedo fue la sensibilidad, ante la existencia, ante el lienzo, ante la página en blanco, como ser sentiente.

Es un hombre de generación, pero solitario. No se debe mencionar a Moita Macedo sin recordar a Almada Negreiros, Artur Bual, Francisco Simões, Urbano Tavares Rodrigues, Miguel Barbosa, Adão Rodrigues...



S/título
S/data
Acrílico s/ papel colado s/ tela
64 x 49 cm

Estuve en Lisboa el día siguiente al estallido de la *Revolução dos cravos*. Sin saberlo. Acompañaba al pintor Yuste, que iba a exponer en Estoril, en la sala que dirigía Cruzeiro Seixas. Dormimos en Badajoz y por la mañana pasamos a Portugal. En la frontera nos hablaron de la revolución y nos conminaron a desistir, pero nosotros insistimos en viajar y cuando llegamos a Lisboa nos topamos con una realidad tensa, desasosegante, pero en calma.

En Lisboa nos esperaba el maestro Álvaro Perdigão, que nos dio asilo en su casa. Salimos a la calle y Lisboa era una fiesta, entre la esperanza y la miseria. No había tiros, ni balas, sino claveles por bayonetas, excepto en la sede central de la Pide, donde sonaban esporádicos tiros de pistola y de fusil. Se abrió la exposición, pese a todo, e hicimos vida normal, acompañados por Perdigão y Adão Rodrigues, que me habló de Bual y Moita Macedo, cuya obra conocería más tarde, en viajes posteriores, y de otros nombres, todos con las expectativas en ebullición.

En un principio, autodidacto, Moita Macedo dibuja desde niño, acrecentando su interés en la adolescencia, por libre, sin guías, pero buscando. Tras su matrimonio a los veintiún años, vienen los hijos y el servicio militar en India Portuguesa, donde se relaciona con artistas, trabajando el barro y el marfil. En 1959, entra en la Siderurgia Nacional y hace sus primeros tanteos escultóricos en hierro y acero.

En 1963 conoce a Almada Negreiros, en la Cooperativa Gravura, convirtiéndose en su maestro e introductor en las técnicas del grabado y en la pintura. A partir de 1964, su relación con el trabajo artístico e intelectual centra su vida. En 1969 inicia su amistad con Artur Bual, que le hace derivar al informalismo.

En esta muestra de presencia mayoritaria del papel, donde domina el blanco y negro, se aprecia un lenguaje y unos rasgos formales y conceptuales que le aproximan a la generación de *El Paso*, grupo español de vanguardia, y a un estilo pictoricista abstracto, que llevaría a su cumbre, en los ochenta Gerhard Richter.

Como se puede comprobar por las fechas, hay momentos en los que Moita Macedo, sin contacto alguno con el alemán, está haciendo un trabajo semejante, aunque ubicado y religado con su situación de aislamiento en Portugal. Hay artistas, que sin contacto o influencia, están haciendo un trabajo en la misma órbita, en lugares distantes.

En los 70, se decide a dar a conocer sus poemas y sus pinturas. En la prensa regional y en la Radio Comercial, suenan sus estrofas de corte existencialista, poesía comprometida

de carácter social, sin perder ese sabor popular que la adorna. En esos años escribe *Poemas da Terra dos Homens Curvados*, que no vería la luz hasta 1993.

Desapareció sin la alegría de ver editada su poesía. Pues, todos sus libros son póstumos, desde el conjunto de *Cantares de Amigo* a *Poemas*, con inéditos adunia, publicados por Estar Editora, en 2002, con isagoge de Urbano Tavares Rodrigues e ilustraciones del escultor Francisco Simões.

Pintura y poesía, escultura, grabado, azulejería, textos para amigos... La amistad fue otra de sus señas de identidad. Su fidelidad al compañero. Su compromiso. Un término también de época, que ha ido desapareciendo. La pintura, la poesía, lo que hace el hombre puede ser fragmentario; lo que siente, no. Lo que es, no. Y todo eso se refleja en lo que el hombre hace con vocación de permanencia.

Estas pinturas aforísticas, fragmentarias, heterogéneas no pueden ocultar su procedencia, la autoría de un hombre entregado a decir su verdad, su realidad, su espiritualidad, su sentimiento. Sin distinguir entre la dinámica de la figura o la de la mancha. Más que versatilidad es ansiedad de decirlo todo, cuando sabes que tienes poco tiempo. Por ello en su obra hay tanto tiempo acumulado, tantos momentos captados que enlazan eslabones y sensaciones.

Y porque el tiempo está ínsito en su expresión, pasan los días y no envejece, sigue fresca, reluciente, deslumbrando, como un resplandor en blanco y negro hecho de emoción y misterio. ¿Acaso el color del misterio y la emoción es otro? ¿Cuál es el color de la eternidad y de la saudade? Moita Macedo, todavía, vivo, fulgente, en blanco y negro.

**MOITA
MACEDO**

Agora venho
de outras partes

Retrato de mulher

A curva de uma onda
A gota do veneno
O suspiro da aragem
O frescor do sereno
O mármore da státua
A quentura da lã
A brandura da seda
O encanto da maçã
O olhar da pitonisa
O cabelo do pagem
No fundo uma mulher
No todo a tua imagem



S/titulo

S/data

Acrílico s/ papel colado s/ tela

65 x 52 cm



S/título
1983
Acrílico s/ papel colado s/ tela
64 x 49 cm



Viajando juntos (desenho editado em serigrafia com uma tiragem de 200 exemplares)
s/data
Mista s/ papel colado s/tela
21 x 30 cm

Era na pedra que o cinzel

Era na pedra que o cinzel esculpia
Era na noite que as estrelas brilhavam
Era nos mares que os peixes viviam
Era dos poços que as águas brotavam;

Havia lodos meu amor havia
Havia sombras nos bosques frondosos
Havia lobos pelas serranias
Havia amor nos olhos saudosos;

Hoje são pedra as expressões humanas
Hoje são lanças as palavras ditas
Hoje os amores contam-se por dias
Hoje os triunfos são as cobardias;

Antes eu fora cavaleiro errante
Bobo da corte, feiticeiro letal
Do que sentir pelo semelhante
Despeito inveja, desejar-lhe o mal:

Por isto eu creio na fala das ondas
Por isto eu amo a nossa loucura
Vento de esperança que enfunou as velas
Golpe cutelo que abriu armaduras;

Antes/eu era o silêncio
o não esperar
Barco pinheiro



Gente da Noite

S/data

Acrílico s/ papel colado s/ tela

61 x 43 cm



De um livro de cavalaria
1978
Acrílico s/ papel colado s/ tela
51 x 65 cm



S/titulo
S/data
Acrílico s/ papel colado s/ tela
60 x 84 cm



S/titulo
1970
Mista s/ papel colado s/ tela
42 x 60 cm

Louco...

Era pintor
Pintava quadros belos e estranhos,
Com o sexto sentido do desconhecido

O público
Nas pinturas que via
Não o compreendia!

— Lá vai o pintor,
diziam pela rua
de flor branca na lapela!

Toda a gente ria
E não sentia
A inveja que tinha
De não ser também louco!

Para usar na lapela... uma flor...

... grande
... branca
E bela!



Cavalgando as Nuvens

S/data

Acrílico s/ papel colado s/ tela

42 x 30 cm



S/titulo
1970
Acrílico s/ papel colado s/ tela
86 x 60 cm



S/titulo
S/data
Acrílico s/ papel colado s/ tela
80 x 60 cm

Os desenhos

O desenho fere e dói
É alegria mas rói
Na coragem da verdade
Libertação dos sentidos
Libertação dos vestidos
E libertação de sol
Corpo e sonho
Flor e lança
O fiel duma balança
Assente entre dois balões
Um segredo murmurado
Aquele conto sempre esperado
Nos sonhos duma criança



S/titulo

1970

Acrílico s/ papel colado s/ tela

75 x 59 cm



Stitulo
S/data
Acrílico s/ papel colado s/ tela
48 x 64 cm

Homenagem a Pablo Picasso

Picasso, Pai dos artistas que amam a liberdade
Picasso, Pai e desculpa dos falsos artistas
Picasso, Pai dos que buscam a verdade na luta
Picasso, pai dos vendilhões de arte
Picasso, Pai dos que vencem temores e repeitos
 Picasso, Roga por nós!
Picasso, Pai dos artistas Homens
Picasso, Pai da esperança e do desespero na
arte/Homem e no Homem/Arte
Picasso, Pai dos idólatras da Arte-Dollar
Picasso, pai das telas atacadas com navalhas e ácido
 Picasso, Roga por nós!...

... para que nos contemos - na nossa época



Três Poemas de Amor e desejo

1972

Desenho a carvão s/ papel colado s/tela

43 x 31 cm



Agora venho de outros lugares
1971
Carvão s/ papel colado s/tela
43 x 30 cm



Para lá das Grades
1971
Desenho a carvão s/papel colado s/tela
43 x 30 cm

Transmutações da Cidade

A minha cidade é um rio chamado Tejo
uma avenida chamada de Liberdade
prédios imponentes e barracas
um grito e um suspiro de gente
noite e madrugada
o desconjuncto do tudo e do nada da vida

As casas as ruas o rio as pessoas que são ou não são
gente
Eis o grafismo da minha cidade.
Duas crianças que se beijam, um par que faz amor
tornam-se azul e rosa.
Ao homem que pedea mulher que se vende
dão-lhe tons de conza e negro
Eis então as cores da minha cidade
por vezes o comportamento
das gentes que habitam as cosas que passeiam nas
ruas que atravessam o rio
é tão dissemelhante no todo, na exteriorização
que poderão querer tomar estas representações como
coisas diferentes.
Porém o tema-raiz é senore a cidade
intolerante e intolerada cenopégia.
Diferente, só o riso da criança
ouvido quando pintado
mãos dadas no sol das tardes que fazem nascer azuis.
Diferente, só o grito do animal
encurralado no beco sem saída
esquartejando o céu e ensanguentado o rio
Esta a cidade que vejo,

dita e irrevelada, verdadeira e só aparente.
Aspectos panoramas transfigurações
Transmutações da Cidade e nome escolhido
para esta amálgama de traços cores e sentimentos
O talvez inconformismo com que contemplo
os seus repúdios e os seus aceites
o talvez haver quem me acuse de poeta.



S/titulo
S/data
Acrílico s/ papel colado s/ tela
84 x 55 cm.

Definição de uma plástica

A minha poesia é pedra dura
basalto que rolou pelos graguedos

tem por vezes a algidez da planura
outras vezes a quentura dos vinhedos

e o pensamento é terra

que rescende
ao húmus que fermenta
a folha morta
erótico perfume
a laranjais
simplicidade adusta
duma horta

o meu sonho é um cavalo

sem ter frio
meu suporte e razão
de asas aladas
que me leva pairando
nas alturas
a quanto sinto
a pequenez das estradas

e embebo de uma cor avermelhada
o traço com que firo as minhas telas

eu não canto as belezas

dum sol posto
nem minto
p'ra que as coisas sejam belas



S/titulo

1970

Acrílico s/ papel colado s/ tela

85 x 60 cm

Encontro
S/data
Acrílico s/ papel colado s/ tela
63 x 50 cm



Moita Macedo. Biografia

José Albano Pontes Santos Moita Morais de Macedo nasce a 17 de Outubro de 1930, em Benfica do Ribatejo.

Cresce no seio de uma família tradicional, onde sobressai a figura do avô, José Luís Santos Moita, médico, republicano, deputado à I Assembleia Constituinte e Governador Civil de Santarém.

A influência do avô foi determinante na formação de uma consciência e empenhamento social, traços marcantes da sua personalidade. Os grandes planos da campina ribatejana e do mar, duas alternantes da sua adolescência, são o ponto de partida para os primeiros desenhos.

Em 1951 casa, vindo a ter 5 filhos. De 1954 a 1957 cumpre o serviço militar na Índia Portuguesa, contactando com artífices e artistas, trabalhando com eles o barro e o marfim. Executa trabalhos de restauro, nomeadamente o da *Capela da Nossa Senhora do Mar*, em Damão.

Em 1959 inicia a sua actividade profissional nos escritórios da *Siderurgia Nacional*, onde trabalha durante 24 anos. Aqui toma contacto com o ferro e o aço, materiais que viria a utilizar em alguns dos seus trabalhos de pintura e escultura.

Em 1963 conhece Almada Negreiros na *Cooperativa Gravura*, a qual frequenta durante dois anos. Com Almada estuda e faz as primeiras experiências em gravura riscada sobre o vidro. Ainda em 1963, é premiado com um conjunto de trabalhos de gravação em marfim, nos *II Jogos Florais do Trabalho*.

Em 1964 desenha uma escultura em aço com 5 toneladas para as instalações do *Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional*, associação da qual viria a ser Director das Actividades Culturais e Editor do *Jornal Convívio*.

Em 1965 conhece Artur Bual, o qual viria a influenciar a sua pintura.

Em 1972 e 1973 ilustra as capas dos livros de Miguel Barbosa *O Irineu do Morro e Mulher Macumba*, publicados em Portugal e no Brasil. Entre 1972 e 1974 dirige as *Galerias Futura e Opinião*. Em 1973 expõe diversos trabalhos nas *Galerias Futura e Opinião* como *Hiroxima*, *Apocalipse*, *Poema para Manuel Alegre*, entre outros, os quais suscitaram duras críticas da imprensa do regime.

Entre 1973 e 1983, escreve diversos textos de apresentação e crítica de pintura para catálogos de Francisco Simões, Silva Palmeira, Júlio Ferreira, Fernando Meneses, Maria Lucília Moita, Vilar de Sousa, entre outros.

Em 1980 Artur Bual retrata-o num acrílico de 2x1m.

Entre 1979 e 1983 impulsionou as exposições de Pintura na *Codilivro*.

Em 1980 organiza conjuntamente com Artur Bual e Francisco Simões a exposição *Viagem ao Mundo da Linha e da Forma e da Cor* a qual representou uma nova forma de expor arte, alargando o seu conceito.

Em 1980 é feito o seu busto em bronze pelo escultor Francisco Simões.

Em 1981 desenha alguns azulejos, efectuando uma breve incursão na arte da azulejaria. Em 1983 publica o livro *Cantares de Amigo*, conjuntamente com outros três poetas, culminando a divulgação da sua poesia até então feita tertúlias, na imprensa regional e em programas de poesia da rádio.

Em 18 de maio de 1983, morre em Lisboa.

Em 1983 é homenageado com uma exposição na *Codilivro-Lembrar Moita Macedo*. Em Outubro de 1983 é homenageado com uma exposição no Clube de Pessoal da Siderurgia Nacional. Em 1985 é homenageado com uma exposição na Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia onde participam Artur Bual,

52

53

Cargaleiro, Francisco Simões, Silva Palmeira, Stella de Brito, Henrique Mourato, Isabel Seruca, Vítor Ferreira, Maria Lucília Moita, Adão Rodrigues, Miguel Barbosa, Manuel Periquito, entre outros.

Em 1993 é editado o livro *Poema da Terra dos Homens Curvados*, escrito na década de 70.

Em 1993 é homenageado na Galeria de S. Bento numa exposição de Artur Bual, Francisco Simões, Mena Brito, Francisco Relógio e Miguel Barbosa.

Em 1997 são editadas pelo mestre António Inverno três serigrafias de obras de sua autoria.

Em 2000 Urbano Tavares Rodrigues escreve o prefácio para um novo livro de poesia ilustrado por Francisco Simões, editado em Outubro de 2002 pela Estar Editora.

Em 2001 Miguel Barbosa ilustra igualmente um livro da sua poesia, a publicar.

Em Dezembro de 2002 é homenageado, na Câmara Municipal de Lisboa, no lançamento do seu livro “Poemas” em simultâneo com uma exposição da sua pintura, por Urbano Tavares Rodrigues, Francisco Simões e Maria João Fernandes.

Em 2003 o Centro Português de Serigrafia produz quatro serigrafias de obras suas e é editado o livro de Alice Tomaz Branco, *Moita Macedo, Obra Plástica*, editado pela Caleidoscópico.

Exposições

Exposições Individuais

1971. Galeria Panorama; Biblioteca Municipal, Sesimbra; Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Palácio Foz, Lisboa.

1972. XI Aniversário da elevação de Queluz a Vila, Queluz; “Pintura Informal”, SCP, Portalegre.

1973. Galeria Futura; Galeria Opinião; Sociedade

F.D. Timbre Seixalense, Seixal; Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; Junta de Turismo da Costa da Caparica; Biblioteca Municipal, Sesimbra; Galeria Futura; Galeria Arte Nova, Porto.

1974. Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; Junta de Turismo da Costa da Caparica; Biblioteca Municipal, Sesimbra; Galeria Futura; Galeria Arte Nova, Porto.

1977. Galeria Gioconda; Galeria Iberlivro.

1978. Codilivro.

1980. Galeria Peninsular; Codilivro.

1981. Codilivro; Câmara Municipal de Vila Real de Santo António; Siderurgia Nacional, Seixal.

1982. Coral Luísa Todi, Setúbal; Adega Zé da Rosa; Biblioteca Municipal, Sesimbra.

1991. Galeria Diário de Notícias.

1993. Galeria de São Bento.

1996. Clube dos Empresários, Lisboa.

2001. Enes Arte Contemporânea; Museu de Electricidade da Madeira (Funchal).

2002. Câmara Municipal de Lisboa, Padrão dos Descobrimentos; Câmara Municipal da Nazaré, Centro Cultural da Nazaré.

2003. Galeria S. Mamede

2004. Artedoze, Galeria de Arte

2005. Museu do Trabalho Michel Giacometti, Setúbal.

2006. Cordeiros Galeria

2007. Câmara Municipal de Almeirim

2008. Câmara Municipal da Amadora; Fundação Alentejo – Terra Mãe – Évora

2009. O sentido da esperança Palácio Rocha Conde de Óbidos (sede Nacional da Cruz Vermelha em Lisboa)

2013. “Branco e Negro” Sociedade de Geografia de Lisboa

Exposições Colectivas

1969. I Salão Novíssimos, Grupo de Amigos da Costa da Caparica.

1970. III Salão de Artes Plásticas, Amadora; VIII Salão de Arte Moderna, Estoril; XVI Salão de Outono, Estoril; Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional.

1971. Galeria Internacional, Cascais; I Exposição de Artes Plásticas, Queluz; XVIII Salão de Outono, Estoril; “Sete Artistas”, Palácio Foz.

1973. I Exposição Colectiva de Pintura, Gravura e Cerâmica Matur, Madeira; Valigia Diplomática, Milão, Itália; Belas Artes, Sociedade Nacional de Belas Artes.

1974 Exposição -Leilão, Sociedade Nacional de Belas Artes; Salão de Os Franceses, Barreiro; Galeria Dinastia; Galeria Iberlivro.

1976. Dia das Comunidades Portuguesas, Toulouse, França.

1978. Galeria Gioconda; Exposição Itinerante Comité José Dias Coelho (Ribatejo e Setúbal).

1980. II Bienal de Artes Plásticas, Vila Nova de Cerveira; “Viagem ao Mundo da Linha, da Forma e da Cor”, Oficina da Cultura, Câmara Municipal, Almada; Galeria Alvarez, Porto.

1981. Centro Cultural “Entreposto”; Colectiva I, Galeria Interlivro; 42.º Aniversário da SFUAP, Cova da Piedade; Casino, Monte Gordo; Salão Colectivo das festas da Cidade, Barreiro.

1983. Oficina da Cultura, Câmara Municipal, Almada.

1992. I Bienal do Sabugal.

1994. Galeria de São Bento, Lisboa.

1995. Galeria de São Francisco, Lisboa.

1996. Galeria de São Bento, Lisboa; Biblioteca Municipal Calouste Gulbenkian, Ponte de Sôr.

1997. Almadarte; Galeria Maria Pia, Lisboa.

2005. Mestres da Pintura, Cordeiros Galeria, Porto.

2006. Hospital Geral de Santo António, Porto; Cordeiros Galeria, Porto.

2007. Cordeiros Galeria, Porto; Hospital de Santa Maria; Galeria S. Mamede, Porto; Cordeiros Galeria - Alfândega do Porto.

2008. Art Madrid; Fiart Valencia; Cordeiros Galeria, Porto.

2009. Puroart-Vigo; Arte Madrid; Fiart Valencia.

Exposições Internacionais

2013.

— Art Stage Singapore

India Art Fair (Delhi)

Zona Maco México

Art Monaco

Art Macao

Scope Basel

Scope Miami Fair

2014.

— Art Palm Beach

Art Winwood – Miami

Scope New York

Silicon Valley Contemporary, San Jose, California

55 **Publicações**

— La pintura informale de Moita Macedo Vligia Diplomática. Milão. Texto de Razetti, 143/144, 1973 Moita Moraes de Macedo.

— Les artistes Européens Studio Documentazione Artística, Lugano, Suíça. Texto de Lillo Cicero, 1974 Moita Macedo está na tela Catálogo Galeria Futura, Lisboa.

— Texto de Lud, 1974. Moita Macedo Portuguese 20th Century Artists.

— A biographical dictionary, Phillmore & Co. Ltd, West Sussex, Inglaterra.

— Michael Tannock, 1978 Moita Macedo, Catálogo Galeria Diário de Notícias, Lisboa,

— Texto de Miguel Barbosa, 1991 Uma palavra sobre Moita Macedo, Catálogo – Galeria de S. Bento, Lisboa.

— Texto de Hugo Beja, 1993 Poemas da Terra dos Homens Curvados, Editorial Maré, Lisboa a noite era grito e era gemido, Catálogo Clube dos Empresários, Lisboa.

— Texto de Eurico Gonçalves, 1996 Moita Macedo, Pintor Gestual. Revista Galeria de Arte, nº 6, ano 3, 1996/1997, Centro Português de Serigrafia, Lisboa.

— Texto de António Valdemar, 1996 Anuário de Antiguidades e Artes Plásticas, Estar-Editora, Lisboa. Texto de Alice Branco, 1998 Noite Transfigurada, Catálogo Galeria Enes, Arte Contemporânea, Lisboa.

— Texto de Maria João Fernandes, 2001 Moita Macedo, Catálogo Museu da Electricidade da Madeira, Funchal. Texto de Edgardo Xavier, 2001 Moita Macedo, Poemas, Estar-Editora, Lisboa 2002.

— Alice Branco, “Moita Macedo, Obra Plástica”. Caleidoscópio, 2003 Lisboa;

— “O prazer da gestualidade”, Catálogo São Mamede, Lisboa, texto da Prof.ª Doutora Sílvia Chichó, 2004; *Pintei versos, escrevi quadros*, catálogo; Artoze – Galeria de Arte, Lisboa, Texto de Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira, 2004.

— “Moita Macedo - Desenhos”, Lisboa, texto do Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira, Caleidoscópio, 2005.

— A linguagem e o informalismo de Moita Macedo, Câmara Municipal de Almeirim, 2007. Moita Macedo - Pintura, Galeria Municipal da Amadora.

— Cordeiros 2008/2009, Arte Moderna e Contemporânea, Porto, 2008. “Entre a Irreverência e o incorfomismo”, texto Carlos Pinto Coelho, Catálogo Fundação Terra-Mãe, Évora.

— O Sentido da Esperança”, Maria Barroso Soares, Catálogo Cruz Vermelha Portuguesa, Lisboa.

— Cordeiros 2010/2011, Arte Moderna e Contemporânea, Porto, 2010.

Colecções e museus em que está representado

Agência Portuguesa de Investimento

Assembleia da República

Banco Comercial Português

Câmara Municipal da Nazaré

Câmara Municipal de Almeirim

Câmara Municipal de Amadora

Câmara Municipal de Sintra

Câmara Municipal de Sintra

Câmara Municipal de Queluz

Casino da Póvoa de Varzim

Deloitte SA

Fundação Mário Botas

Fundação António Prates

Fundação José Saramago

Fundação de Serralves

Governo Regional da Madeira

Hospital de Santa Maria

Ministério da Saúde

Mystetsky Arsenal Museum – Kiev, Ucrânia

MOMA Museu de Arte Moderna de Nova York

Mundial Confiança

Museu de Cabanas, Vila Real de Santo António

Museu da Electricidade da Madeira

Museu da Presidência da República

Museu do Trabalho Michel Giacometti, Setúbal

Nações Unidas, Alto Comissariado para os Refugiados

Residência Oficial do Primeiro Ministro – Palácio de São Bento

SAG – Soluções Automóvel Globais, SGPS

Museu de Arte Contemporânea de Elvas

Coordenação Geral

Elsa Grilo

(Vice Presidente da Câmara Municipal de Elvas)

Programação / Museologia

Isabel Pinto

Patricia Machado

Serviço Educativo

Leonor Calado

Museografia

Manuel Neves

Romão Mimoso

MOITA MACEDO / AGORA VENHO DE OUTRAS PARTES

Curadoria

Antonio Franco

Catálogo

Edição

Câmara Municipal de Elvas

Coordenação Editorial

Antonio Franco

Manuel Ponce

Textos

Manrío Avelar

Tomás Paredes

Antonio Franco

Desing

Estudio Manuel Ponce Contreras

Impressão

Stan Digital

© de la edición: Câmara Municipal de Elvas, 2014

© de los textos: Os autores

© de las imagens: Filipe Braga

Depósito Legal:

ISBN:

Capa: Moita Macedo. *Stitulo*. 1971. Acrílico s/ papel colado s/ tela. 65 x 49 cm